

## O CORTE

Alexandre Rodrigues da Costa

Vera Casa Nova

63

No início havia o olho, depois as trevas. E o espírito de deus pairou sobre a merda. Tudo era idêntico a si mesmo. Boca e ânus se encontram num beijo. E deus matou-se. “O ar é a paródia da água”. “O coito é a paródia do crime”. Somos todos criminosos. Somos todos sóis, labirintos sem saída, abraçados sobre os cadáveres sem saber se tu também és um deles. Ser árvore e, na obscuridade, ser nada mais que um pênis ereto. “Mas a cópula dos termos não irrita menos do que as dos corpos”. Apenas a defecção nos liberta. Apenas o corte nos redime de nós mesmos. Não há saída. Perder-se no labirinto é ser decapitado pela palavra ausente, pela pergunta sem resposta. Aceite: é seu destino olhar para o espelho e não se reconhecer. O espelho é um vazio que te preenche. Não adianta olhar por detrás dele, não encontrarás nada a não ser a ti mesmo, criatura monstruosa que nega este animal que existe em ti. Experimente: arranca o olho daquele com quem tu casarás. Use-o como se fosse o seu ânus, sua bússola, sua salvação. “Os pratos foram feitos para a gente se sentar”. “Queres apostar que eu me sento no prato?”. Mas antes é preciso destruir a si mesmo e a tudo em volta. Entre a atração e a repulsa, o cadáver sobre a mesa à espera do beijo. Aceita o cadáver como o teu amante, nele se esconde a tua morte e a tua vida. Não fuja. Observa-me a acariciá-lo, enquanto te faço a última promessa. Os cães te lambeirão à noite e serás um deles ao amanhecer. Tua cabeça rolará aos pés da estátua informe. Dançarão em volta de teu corpo como se ele fosse o excremento com o qual nos alimentamos. Por isso não desvia o olhar do touro agonizante, encara-o como se ele fosse teu deus, aceita os colhões que dele foram cortados, aceita neles teus olhos. A loucura não pode ser imitada. Tua gargalhada me acorda durante a noite. Não há para onde fugir. Tenho medo de tudo. Se rires, é porque meu corpo se encontra nas tuas mãos, coisa inútil, ele te agrada, deusa de pernas abertas. Tua fenda não é mais que minha salvação. Sou idiota? O silêncio dos ratos não me incomoda.

## Sobre o texto

Escrever sobre Georges Bataille é ao mesmo tempo uma tarefa árdua e prazerosa, pois sua escrita vai contra a própria escrita, contra o conhecimento como forma de ascensão, de domínio de si mesmo e do mundo em volta. A conjunção do alto e do baixo, do sagrado e do profano, resulta na recusa à transposição, a um princípio de identidade a partir da qual as diferenças se apagam. Daí que, em Bataille, a metáfora seja negada em detrimento de uma operação heterológica, na qual a diferença dissolve a medida, de tal forma que a comparação se perde em si mesma. Assim como Beckett, a experiência da escrita para Bataille passa pelo fracasso, pela incompletude, enfim, pela palavra obliterada. O corpo textual é deslocado para um estado de perda, a partir do qual tudo se coloca em questão. Como vítimas sacrificiais, as palavras mergulham no desconhecimento, tornam-se libérrimas da escravidão, do plano moral com o qual as cercamos no dia a dia. É o que nos diz Bataille em *A experiência interior*: “O sacrifício é imoral, a poesia é imoral”. Foi buscando essa imoralidade que elaboramos o texto acima, “O corte”. Canibalizamos conceitos-chaves da obra de Bataille assim como o próprio corpo textual de onde eles derivam. É evidente que o resultado não poderia ser outro: uma orgia de palavras, na qual a morte é a desorganizadora de sentido. Poderíamos, nesse caso, pensar nas palavras de Bataille a respeito do não-saber: “O não-saber desnuda. [...] O não-saber comunica o êxtase”. É sob essa perspectiva que o nosso texto se configura sem meta, irresponsável, como se refere Bataille ao comentar a obra de Kafka, já que as feridas que se abrem nele levam-no a esse ponto cego no qual o sentido extrapola o entendimento, as palavras se dilaceram na impossibilidade de ser. O fracasso, a falta de sentido, o absurdo não surgem por acaso, eles são fruto dessa destruição da linguagem que Bataille evoca várias vezes em sua obra. Como uma obscuridade sem retorno, o texto se abre sobre um vazio que não pode ser preenchido. Talvez pudéssemos chamar isso de informe, o que Bataille define em uma das edições de *Documents*: “um termo que serve para desclassificar todas as coisas, exigindo que cada uma delas tenha a sua forma. O que o informe designa é o incerto que se espalha por todos os lugares, como uma aranha ou um verme”. Em nosso texto, buscamos esse

informe como aquilo que possibilita abraçar os caminhos da transgressão, como fúria voluptuosa em contínuo movimento de resistência à satisfação.

\*

### **ALEXANDRE RODRIGUES DA COSTA**

Doutor em Letras pela UFMG, com a tese “A transfiguração do olhar: um estudo das relações entre literatura e artes plásticas em Rainer Maria Rilke e Clarice Lispector”. Em 2010 e 2011, desenvolveu pesquisa sobre as obras poéticas de Georges Bataille e Samuel Beckett como aluno de pós-doutorado junto ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG.

### **VERA LÚCIA DE CARVALHO CASA NOVA**

Doutora pela UFRJ. Estágio de pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Antropologia da imagem: Signos, formas e representação) sob a supervisão de G. Didi-Huberman. Atualmente é professora associada da Faculdade de Letras da UFMG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura Brasileira.